RESENHA

RESENHA:

"O BRASIL NÃO CABE NO QUINTAL DE NINGUÉM: Bastidores da vida de um economista brasileiro no FMI e nos BRICS e outros textos sobre nacionalismo e nosso complexo de vira-lata".



Lisandra Pereira Lamoso
lisandralamoso@ufgd.edu.br
Universidade Federal da Grande Dourados

Comprei o livro de Paulo Nogueira Batista Junior ainda na pré-venda, com a expectativa, plenamente realizada, de que seria uma leitura produtiva e agradável. Batista Junior tem uma linguagem culta, vocabulário preciso e adjetivação idem, sem perder o tom informal, como quem narra um caso. Em determinada passagem, cita a convivência com sobrinho que atua no mercado financeiro, também economista, e os rumos das conversas sobre Economia, nas ocasiões domésticas. Fiquei com muita vontade de ter um primo, um tio, um parente próximo como Paulo, para interessantes debates sobre os rumos do Brasil no cenário internacional, e o livro aborda bem mais que isso.

Sua apresentação abre com o título *"Nacionalismo – herança, fio condutor",* já responsável por situar o autor no que seja os termos de representação de um país frente ao mundo. O livro está dividido em seis capítulos, um calhamaço de 443 páginas, publicado pela Editora Leya em 2019.

Como o próprio autor reconhece, o primeiro capítulo *"Reforma da arquitetura financeira mundial: FMI e G20"*, situa o leitor sobre essa complexa instituição, o que não é muito fácil de compreender, principalmente aos mais distantes da área, embora reconheça que foi um conteúdo importante. Mas o principal se desenvolve ao longo do texto, que contém, literalmente, bastidores do Fundo Monetário Internacional e no Banco dos BRICS.

Os relatos e reflexões que se sucedem tanto nos apresentam os mecanismos de funcionamento das instituições, como as fragilidades as quais estão impostas, sendo instrumentos no jogo de interesses dos países hegemônicos, ainda que entre eles exista uma pequena cisão, como é o caso dos interesses entre europeus e norte-americanos. A composição da diretoria sempre espelha a supremacia europeia, incredulamente pouco questionada já há tantas décadas.

O autor desmistifica o que são os bancos. Em tão alto escalão do ordenamento jurídico financeiro, cargos de confiança, picuinhas, birras, encontram palco e espaço. Para mim, algo inacreditável que servidores encaminhados pelos seus países, não tivessem a necessária capacidade técnica para o exercício das funções, como foi um dos casos relatados, sobre o qual não fornecerei nenhum *spoiler.* Acredito que a leitura em detalhes é melhor que qualquer comentário que possa ser feito nesta resenha.

A China, importante parceiro dos projetos brasileiros, também não é do tipo, como se diz na gíria, que "morre abraçado". Os fatos demonstram que a primeira preocupação e objetivo de seus representantes é como o povo chinês. Pouco se empenhando para uma coalizão geopolítica maior, que pudesse criar atrito com o *status quo* do fundo. Por outro lado, no Brasil, parece-me que aquela fachada de um sólido projeto geopolítico de organizar enfrentamentos e fortalecer a relação sul-sul, por vezes, não era robusta o suficiente. Talvez as circunstâncias tenham lembrado da música dos Titãs, "o acaso vai me proteger, enquanto eu andar distraído", quando a permanência de Batista Junior acontece por incidente com o diretor-gerente Dominik Straus Kahn (DSK).

Se os governos dos períodos Lula e Dilma tinham alguma coesão, como sempre, a imprensa esperava os atos falhos para atualizar o que Nelson Rodrigues chamou de "complexo de vira-latas". Há pouco jornalismo especializado nas questões geopolíticas, nas relações internacionais, fica-se à mercê das agências de notícias, repercutindo qualquer nota que possa causar uma desestabilização nos posicionamentos que o governo decide defender. Há inúmeros casos relatados ao longo dos capítulos, alguns com ares de conspiração.

A saída de Paulo Nogueira é relatada em detalhes. Há um capítulo, com o título *"O império contra-ataca"* que é um primor. Fica claro o jogo de interesses e a guinada que ocorre no projeto neodesenvolvimentista com a entrada em cena de Joaquim Levy, no Governo Dilma Roussef. O subtítulo *"Sai Mantega, entra Levy: minha fase final no FMI"* prenunciava o que viria, infelizmente, não apenas nas instituições internacionais mas em todo desarranjo interno.

O livro é cheio de detalhes e nas entrelinhas, uma clara exposição das possibilidades e limites de uma inserção soberana. O país tem que não apenas desejá-la, mas construí-la. Não há ingenuidade na oferta de crédito, nas negociações de dívidas (vide crise da Grécia), nos desdobramentos da disputa entre europeus *versus* norte-americanos, na indicação de quadros, nos interesses particulares pessoais.

No penúltimo capítulo, *"Perfis",* há um comentário sobre alguns brasileiros *ilustres na forma de crônicas curtas, começando por Leonel Brizola. O último capítulo, "Humor econômico e outras crônicas"* é um bônus do humor inteligente e ácido do autor. Na conjuntura movida por descaminhos e corona vírus que o Brasil enfrenta nos primeiros meses de 2019, é de particular interesse as reflexões do texto *"Banhas dogmáticas",* publicado originalmente no Jornal do Brasil, em 9 de dezembro de 2005 e que permanecem bastante atuais, principalmente na frase *"Ora, o Banco Central é provavelmente o último lugar em que se deve colocar um dogmático".*

O Brasil teve "sorte" em contar com Batista Junior no período em que atuou nas instituições, pelo seu compromisso em representar e garantir uma dignidade soberana, jus ao tamanho e importância do país. Sua atuação fica ainda maior quando comparamos com o estado atual das coisas, nos anos de 2018, 2019, com tantos funcionários de primeiro escalão medíocres, mal-formados-informados-intencionados. Pessoas sem estatura de ministro e secretário, que nos envergonham em comportamentos subservientes, alinhados a interesses geopolíticos exógenos e alheios às necessidades nacionais.

Recebido em março de 2020.
Aceito para publicação em abril de 2020.